

ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA: FATORES PSICOLÓGICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS QUE CONTRIBUEM PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

BETWEEN FEAR AND HOPE: PSYCHOLOGICAL, ECONOMIC AND SOCIAL FACTORS THAT CONTRIBUTE TO WOMEN STAYING IN ABUSIVE RELATIONSHIPS

ENTRE EL MIEDO Y LA ESPERANZA: FACTORES PSICOLÓGICOS, ECONÓMICOS Y SOCIALES QUE CONTRIBUYEN A QUE LAS MUJERES PERMANEZCAN EN RELACIONES ABUSIVAS

Ademar Júnior Muniz de Oliveira¹

Ediandra Santos Araújo²

Lorena de Oliveira Ferreira³

Marcio de Jesus Lima do Nascimento⁴

RESUMO: Esse artigo buscou investigar a complexa teia de fatores psicológicos, econômicos e socioculturais que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Utilizando uma abordagem qualitativa, fundamentada em extensa revisão de literatura nacional e internacional, análise documental e referenciais teóricos sobre o ciclo da violência, dependência emocional e controle coercitivo, o estudo explora as dinâmicas que aprisionam as vítimas. Os resultados, apoiados por dados como os da Pesquisa DataSenado 2023, que apontam para a interconexão entre o medo do agressor, a dependência financeira, preocupações com os filhos, a esperança na mudança do parceiro, a vergonha da agressão e o desconhecimento de direitos como motivos prevalentes para a não ruptura do ciclo de violência. Fatores como o vínculo traumático, a baixa autoestima exacerbada pelo abuso, a manipulação psicológica ou gaslighting e as pressões sociais e culturais, incluindo normas patriarcais e a falta de redes de apoio eficazes, são discutidos como elementos cruciais que dificultam a saída da relação. Conclui-se que a superação dessa problemática exige uma compreensão multifacetada e ações intersetoriais que abordem tanto as vulnerabilidades individuais quanto as estruturas sociais que perpetuam a violência, reconhecendo a atuação do Estado e redes de apoio como fundamental, apesar dos desafios existentes.

3873

Palavras-chave: Relacionamento Abusivo. Violência contra a Mulher.

¹Discente do Curso de Direito, Centro Universitário do Norte – Uninorte.

²Discente do Curso de Direito, Centro Universitário do Norte – Uninorte.

³Discente do Curso de Direito, Centro Universitário do Norte- Uninorte.

⁴Professor do Ensino Superior do Centro Universitário do Norte - Uninorte (Mestre em Ciências e Meio Ambiente - Universidade Federal do Pará - UFPA . Membro do Núcleo de Pesquisa em Sustentabilidade na Amazônia - Nupesam do IFAM.Centro Universitário do Norte – Uninorte. <https://orcid.org/0000-0003-1838-1838>.

ABSTRACT: This article sought to investigate the complex web of psychological, economic and socio-cultural factors that contribute to women remaining in abusive relationships. Using a qualitative approach, based on an extensive review of national and international literature, documentary analysis and theoretical references on the cycle of violence, emotional dependence and coercive control, the study explores the dynamics that imprison victims. The results, supported by data such as that from the DataSenado 2023 Survey, point to the interconnection between fear of the aggressor, financial dependence, worries about the children, hope that the partner will change, shame at the aggression and lack of knowledge of rights as prevalent reasons for not breaking the cycle of violence. Factors such as the traumatic bond, low self-esteem exacerbated by the abuse, psychological manipulation or gaslighting and social and cultural pressures, including patriarchal norms and the lack of effective support networks, are discussed as crucial elements that make it difficult to leave the relationship. The conclusion is that overcoming this problem requires a multifaceted understanding and intersectoral actions that address both individual vulnerabilities and the social structures that perpetuate violence, recognizing the role of the state and support networks as fundamental, despite the existing challenges.

Keywords: Abusive relationship. Violence against women.

RESUMEN: Este artículo pretendía investigar la compleja red de factores psicológicos, económicos y socioculturales que contribuyen a que las mujeres permanezcan en relaciones abusivas. A partir de un abordaje cualitativo, basado en una amplia revisión de literatura nacional e internacional, análisis documental y referencias teóricas sobre el ciclo de la violencia, la dependencia emocional y el control coercitivo, el estudio explora las dinámicas que aprisionan a las víctimas. Los resultados, apoyados en datos como los de la Encuesta DataSenado 2023, señalan la interconexión entre el miedo al agresor, la dependencia económica, la preocupación por los hijos, la esperanza de que la pareja cambie, la vergüenza ante la agresión y el desconocimiento de derechos como razones prevalentes para no romper el ciclo de la violencia. Factores como el vínculo traumático, la baja autoestima exacerbada por el maltrato, la manipulación psicológica o gaslighting y las presiones sociales y culturales, incluidas las normas patriarcales y la falta de redes de apoyo efectivas, se discuten como elementos cruciales que dificultan la salida de la relación. La conclusión es que la superación de este problema requiere una comprensión multifacética y acciones intersectoriales que aborden tanto las vulnerabilidades individuales como las estructuras sociales que perpetúan la violencia, reconociendo el papel del Estado y de las redes de apoyo como fundamentales, a pesar de los desafíos existentes.

3874

Palabras clave: Relación abusiva. Violencia contra la mujer.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher no contexto de relacionamentos íntimos configura-se como uma grave e persistente violação de direitos humanos, com profundas implicações sociais e de saúde pública no Brasil e no mundo. Apesar dos avanços legislativos, como a Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, e da crescente visibilidade do tema, a

permanência de muitas mulheres em ciclos de abuso desafia compreensões simplistas e suscita questionamentos sobre os fatores que as impedem de romper esses vínculos. Frequentemente, a sociedade recorre a julgamentos que culpabilizam a vítima, expressos na pergunta "por que ela não o deixa?", ignorando a complexa rede de circunstâncias que moldam suas decisões e limitam suas opções. Este artigo propõe-se a desvelar essa complexidade, analisando, sob uma ótica dissertativo-argumentativa, os principais fatores psicológicos, econômicos e socioculturais que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Investigaremos como elementos como o medo, a dependência emocional e financeira, as pressões sociais, o ciclo da violência e a esperança na mudança do agressor se entrelaçam, criando barreiras significativas para a saída da relação. Argumentamos que compreender essas dinâmicas é fundamental não apenas para desconstruir mitos e a culpabilização da vítima, mas também para subsidiar o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e construir redes de apoio que verdadeiramente acolham e fortaleçam essas mulheres em sua jornada pela libertação da violência.

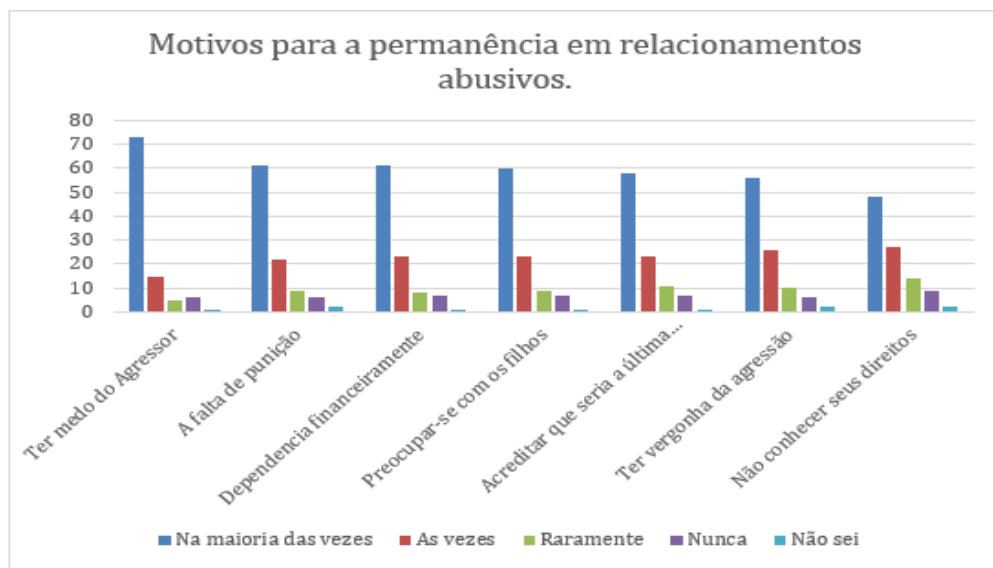
MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem de pesquisa qualitativa, considerada a mais adequada para explorar em profundidade as experiências subjetivas, percepções e motivações das mulheres que permanecem em relacionamentos abusivos. A natureza qualitativa permite capturar a complexidade dos contextos sociais, culturais e emocionais que influenciam suas decisões. Houve uma extensa revisão da literatura nacional e internacional sobre violência doméstica, relacionamentos abusivos e os fatores associados à permanência das mulheres nessas situações. Foram consultados livros, artigos científicos indexados, teses, dissertações e relatórios de organizações governamentais e não governamentais. Referenciais teóricos importantes incluem trabalhos sobre o ciclo da violência, controle coercitivo, trauma, dependência emocional, fatores socioeconômicos e influências socioculturais e patriarcas. Realizou-se também a análise de documentos relevantes, como políticas públicas, planos de ação governamentais, protocolos de atendimento de serviços de apoio e legislações pertinentes. Os resultados da pesquisa qualitativa e da análise documental complementaram e contextualizaram o artigo.

RESULTADOS

Com base nas pesquisas realizadas e na análise documental os resultados deste artigo, revelaram uma visão que comprehende os fatores que contribuem para a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos. Conforme a Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher realizada pelo DataSenado de 2023, podemos destacar.

Gráfico 1

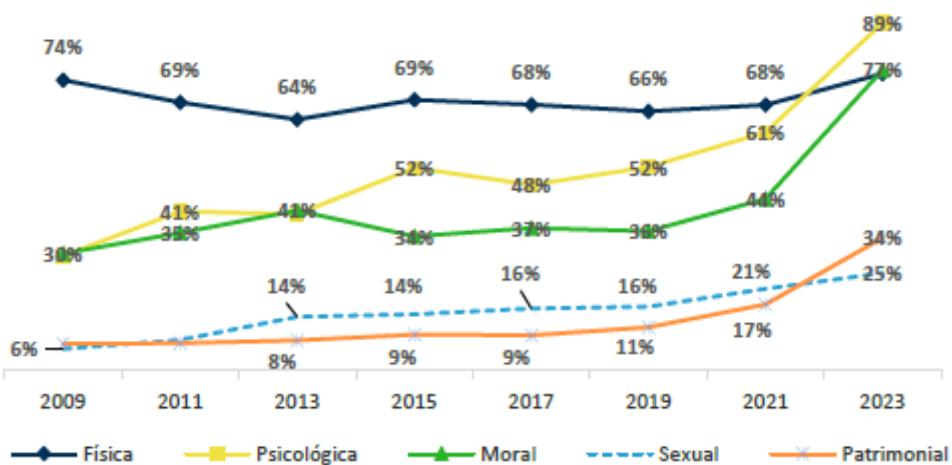


3876

Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado

Outros números que se destacam referem-se aos tipos de violência sofrida pelas mulheres nos relacionamentos.

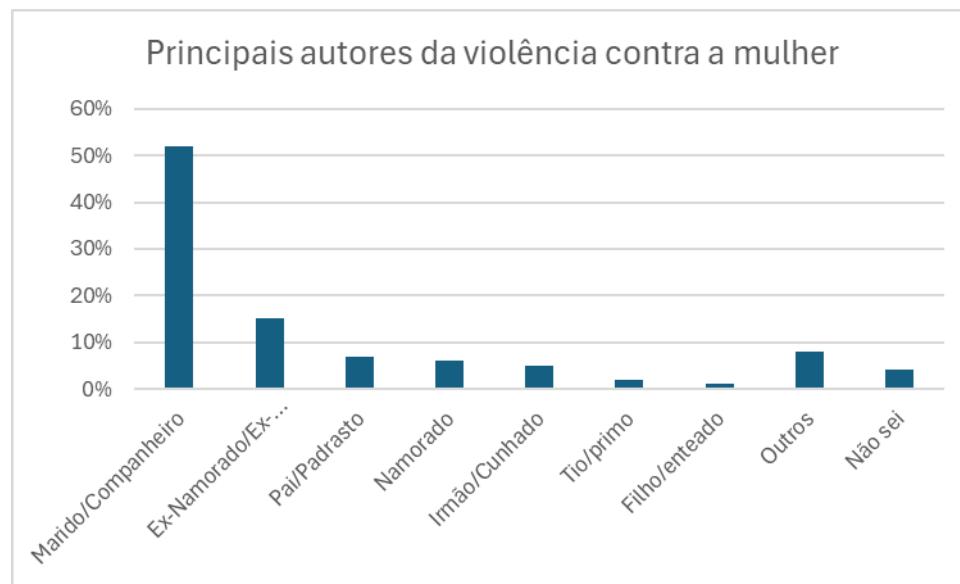
Gráfico 2



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado

O estudo demonstrou e consolidou em números os principais autores da violência contra a mulher.

Gráfico 2



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado

3877

Estes resultados potenciais indicam a natureza interconectada dos fatores, onde a vulnerabilidade econômica potencializa a dependência emocional, e as pressões sociais dificultam a busca por ajuda, criando um ciclo vicioso complexo de violência enfrentados pelas mulheres.

DISCUSSÃO

Os resultados apresentados reforçam a compreensão da permanência em relacionamentos abusivos como um fenômeno complexo e multifacetado, distante de uma simples questão de escolha individual. A análise integrada dos fatores psicológicos, econômicos e socioculturais é essencial para desconstruir mitos e culpabilizações que frequentemente recaem sobre as vítimas.

FATORES PSICOLÓGICOS

Os fatores psicológicos desempenham um papel central na permanência das mulheres em relacionamentos abusivos. Segundo Walker (1979), a Síndrome da Mulher Espancada

descreve como as vítimas entram em um ciclo de violência, onde a dependência emocional do agressor se fortalece. Essa dependência é reforçada por mecanismos psicológicos, como a baixa autoestima, a depressão e a ansiedade, que muitas vezes são consequências diretas dos abusos. Esses mecanismos também podem ser explicados pela Teoria do Ciclo de Violência, que destaca três fases recorrentes: aumento da tensão, ato de violência e fase de reconciliação. Durante a fase de reconciliação, o agressor frequentemente pede desculpas, promete mudar e reafirma um afeto que gera na vítima a esperança de que a situação possa melhorar, o que a impede de romper o relacionamento.

Além disso, a gaslighting, uma forma de manipulação psicológica, leva a mulher a duvidar de sua percepção da realidade, comprometendo sua capacidade de tomar decisões racionais sobre a relação (Stark, 2007). Mulheres sob esse tipo de controle psicológico frequentemente perdem a confiança em si mesmas e se veem incapazes de sair da situação.

Os dados corroboraram com a influência significativa de aspectos psicológicos. A dependência emocional, frequentemente associada à baixa autoestima preexistente ou exacerbada pelo abuso, emerge como um elemento central. O ciclo da violência, com a alternância entre agressão e fases de "lua de mel", alimenta a esperança de mudança e dificulta a decisão de romper. O medo constante da violência física, de retaliações contra si ou contra os filhos, do abandono, do futuro incerto é um fator paralisante. A manipulação psicológica, como o gaslighting, que leva a mulher a duvidar de sua própria percepção e sanidade, também deve surgir como um mecanismo relevante de controle. A presença de transtornos como depressão e ansiedade, decorrentes do abuso, pode minar ainda mais a capacidade de agir. A seguir será explicado um breve conceito sobre os fatores psicológicos abordados.

3878

Dependência emocional e vínculo traumático ocorre através da manipulação e do ciclo de abuso/afeto, cria-se um forte laço emocional disfuncional. A vítima pode desenvolver uma ligação com o agressor, semelhante à Síndrome de Estocolmo, como um mecanismo de sobrevivência. Ela pode sentir que ama o agressor ou que precisa dele.

Baixa autoestima constante destrói a autoestima da vítima. O agressor a convence de que ela é inútil, que ninguém mais a quereria, e que ela é a culpada pela violência que sofre. Isso a faz duvidar de sua própria capacidade de viver de forma independente ou de merecer algo melhor.

O ciclo da violência nos relacionamentos abusivos raramente é violento o tempo todo. Eles operam em um ciclo de fase de tensão que é o acúmulo de estresse, críticas, pequenas

agressões. Fase da explosão que é a ocorrência da violência física, verbal, psicológica e sexual. E a fase da lua de mel que ocorre quando o agressor pede desculpas, promete mudar, demonstra carinho e remorso. Essa fase gera esperança na vítima de que a violência não se repetirá e reforça os laços emocionais.

Na esperança da mudança, a vítima pode acreditar genuinamente que o agressor vai mudar, especialmente durante a fase de "lua de mel" do ciclo da violência ou se ele busca ajuda mesmo que superficialmente. Após tentativas frustradas de mudar a situação ou de obter ajuda, a vítima pode desenvolver um sentimento de impotência, acreditando que nada que ela faça mudará a situação, levando à passividade.

Medo intenso é frequentemente o fator mais poderoso. Medo da escalada da violência caso tentem sair, medo de retaliação contra si ou contra os filhos, medo de serem encontradas, medo do desconhecido e de não conseguir sobreviver sozinhas. O agressor frequentemente ameaça a vítima ou seus entes queridos.

Manipulação Psicológica ou *Gaslighting* é quando o agressor distorce a realidade para fazer a vítima duvidar de sua própria sanidade, memória e percepção dos fatos, tornando mais difícil para ela confiar em seu próprio julgamento sobre a situação.

Muitas vezes como mecanismo de defesa, a vítima pode minimizar a gravidade do abuso 3879
"não foi tão ruim", "ele estava estressado" ou negar que está em um relacionamento abusivo.

O próprio abuso pode causar ou exacerbar problemas como depressão, ansiedade e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), que dificultam a tomada de decisões e a mobilização de recursos para sair.

Há também outros fatores com forte influência na permanência das vítimas em relacionamentos abusivos.

FATORES ECONÔMICOS

A dependência econômica é um dos principais fatores que mantêm mulheres em relacionamentos abusivos. De acordo com Instituto Maria da Penha as mulheres que permanecem em situações de violência relatam a falta de recursos financeiros como um dos principais motivos. Em muitos casos, o agressor exerce controle sobre as finanças da casa, criando uma situação de vulnerabilidade em que a mulher não possui autonomia para se sustentar fora do relacionamento. Essa dependência é reforçada em contextos de baixa

escolaridade ou de desemprego, que limitam as oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

Pesquisas mostram que, em relacionamentos onde há abuso econômico, o agressor pode proibir a mulher de trabalhar, controlar seus ganhos ou endividá-la intencionalmente. Sem acesso a recursos financeiros ou à possibilidade de se reerguer economicamente, a vítima pode temer as consequências práticas de deixar o relacionamento, como a perda de moradia, dificuldades para sustentar os filhos e falta de apoio familiar ou social.

A dependência financeira provavelmente foi apontada como uma das barreiras mais concretas. Muitos relatos descreveram situações em que o parceiro é o único ou principal provedor, controlando o acesso ao dinheiro, proibindo a mulher de trabalhar ou estudar, ou sabotando suas tentativas de autonomia econômica. A falta de recursos próprios, a ausência de qualificação profissional, a responsabilidade pelos filhos e o medo da instabilidade material como a perda de moradia, incapacidade de sustento são fatores cruciais que pesam na decisão de permanecer.

FATORES SOCIAIS

Os fatores sociais também exercem grande influência sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos. Em muitas sociedades, as normas culturais e patriarcas reforçam a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem e que o casamento é uma instituição que deve ser preservada a qualquer custo. O patriarcado estrutural normaliza e perpetua a violência de gênero, criando um ambiente em que as mulheres têm dificuldades em reconhecer ou reagir à violência.

O estigma social em torno do divórcio ou da separação também contribui para a manutenção desses relacionamentos. Muitas mulheres enfrentam pressões familiares e comunitárias para permanecer no casamento, independentemente da situação de abuso. Mulheres que rompem relacionamentos abusivos frequentemente são julgadas pela família, por amigos e até por líderes religiosos, sendo vistas como culpadas pelo fracasso da união.

Além disso, a falta de uma rede de apoio eficaz desempenha um papel importante. Em muitos casos, a mulher teme ser desacreditada ou não tem a quem recorrer para obter ajuda, o que reforça o isolamento. O medo da violência escalada após uma denúncia também é real, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2023, as mulheres que reportam abusos sofrem retaliações mais graves posteriormente.

A forte influência do ambiente sociocultural. Normas patriarcais que naturalizam a dominação masculina e a submissão feminina, a idealização do casamento e da família "tradicional", e o estigma associado à separação ou ao divórcio devem emergir como pressões significativas. A influência da família de origem pode ser ambivalente, tanto fonte de apoio quanto de pressão para manter o relacionamento "a qualquer custo". Relatos indicam julgamento por parte da comunidade, amigos e até líderes religiosos, que podem interpretar a situação sob uma ótica que culpabiliza a mulher ou prioriza a manutenção do vínculo. A falta de uma rede de apoio sólida e acolhedora e o medo de não encontrar suporte ou ser desacreditada reforçam o sentimento de isolamento e a dificuldade em buscar ajuda.

ATUAÇÃO DO ESTADO E REDES DE APOIO

A percepção sobre a efetividade dos serviços estatais e das redes de apoio deve variar. Embora a existência de leis como a Maria da Penha seja reconhecida, podem surgir relatos sobre dificuldades no acesso à justiça, medo de denunciar por receio de retaliação ou descrença na eficácia das medidas protetivas. O desconhecimento sobre os próprios direitos também pode ser um fator. A qualidade do acolhimento em serviços especializados como delegacias, centros de referência, a disponibilidade de abrigos seguros, e o acesso a suporte psicológico e social 3881 contínuo são aspectos críticos o ciclo de violência.

A violência contra a mulher em relacionamentos íntimos é um fenômeno complexo que exige respostas igualmente complexas e integradas por parte do Estado e da sociedade. A atuação estatal e as redes de apoio desempenham um papel fundamental na proteção, acolhimento e empoderamento das vítimas, mas ainda enfrentam desafios significativos para garantir eficácia e acessibilidade.

O Estado tem a responsabilidade primordial de criar e implementar leis que protejam as mulheres e punam os agressores. No Brasil, a Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/2006, representa um marco nesse sentido, ao tipificar a violência doméstica e familiar e estabelecer medidas protetivas. No entanto, a existência da lei não é suficiente por si só. É necessário que ela seja acompanhada de políticas públicas eficazes, como a criação de delegacias especializadas, centros de referência e abrigos seguros, que ofereçam suporte jurídico, psicológico e social às vítimas.

Apesar dos avanços, muitas mulheres ainda enfrentam barreiras no acesso a esses serviços. A falta de recursos, a demora nos processos judiciais e a descrença na eficácia das medidas protetivas são obstáculos frequentes. Além disso, em muitas regiões, especialmente

nas periferias e zonas rurais, os serviços são escassos ou inexistentes, deixando as vítimas ainda mais vulneráveis.

As redes de apoio, formais e informais, são essenciais para romper o ciclo de violência. Organizações não governamentais, grupos de apoio, familiares e amigos podem oferecer o suporte emocional e prático necessário para que a mulher consiga sair do relacionamento abusivo. No entanto, muitas vezes essas redes falham devido ao desconhecimento sobre como agir ou ao medo de se envolver em situações de conflito.

O estigma social e a culpabilização da vítima também dificultam a busca por ajuda. Muitas mulheres relatam sentir-se julgadas ou desacreditadas ao denunciar a violência, o que as leva a permanecerem em silêncio. É fundamental que as redes de apoio sejam capacitadas para oferecer um acolhimento livre de julgamentos, baseado na escuta empática e no respeito às decisões da vítima.

Para que a atuação do Estado e das redes de apoio seja verdadeiramente eficaz, é necessário um enfoque intersetorial, que integre políticas de segurança pública, saúde, assistência social e educação. Campanhas de conscientização podem ajudar a desconstruir mitos e estereótipos de gênero, enquanto programas de empoderamento econômico, como capacitação profissional e microcrédito, podem reduzir a dependência financeira que mantém muitas mulheres presas a relacionamentos abusivos. 3882

Além disso, é crucial fortalecer a fiscalização e a responsabilização dos agressores, garantindo que as medidas protetivas sejam cumpridas e que a violência não fique impune. A sensibilização de profissionais que atuam na linha de frente, como policiais, assistentes sociais e psicólogos, também é essencial para um atendimento humanizado e eficiente.

A violência contra a mulher em relacionamentos íntimos é um problema estrutural que exige ações coordenadas e contínuas. O Estado e as redes de apoio devem trabalhar em conjunto para oferecer proteção, acolhimento e oportunidades às vítimas, combatendo não apenas as consequências, mas também as raízes desse fenômeno. Somente com um compromisso coletivo será possível construir uma sociedade onde todas as mulheres possam viver livres do medo e da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta análise, evidenciou-se que a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos transcende a noção de escolha individual, revelando-se um fenômeno

profundamente enraizado em uma complexa interação de fatores psicológicos, econômicos e socioculturais. O medo paralisante do agressor, a teia da dependência emocional muitas vezes manifestada como vínculo traumático e financeira, a persistente esperança na mudança – alimentada pela fase de "lua de mel" do ciclo da violência –, o impacto devastador na autoestima e a manipulação psicológica, como o gaslighting, são elementos intrinsecamente ligados. Somam-se a isso as amarras impostas por normas patriarcais que naturalizam a submissão feminina, o estigma social associado à separação e a frequente falta de uma rede de apoio sólida e informada, que muitas vezes reproduz o julgamento ou minimiza a gravidade da situação.

A análise dos dados da Pesquisa DataSenado 2023 e da literatura especializada reforça a inadequação de perspectivas que culpabilizam a vítima, demandando um olhar compreensivo e sistêmico para a questão. As implicações deste estudo apontam para a urgência de fortalecer e integrar as respostas a essa problemática. É imperativo investir em políticas públicas intersetoriais que garantam não apenas a proteção legal efetiva – com fiscalização rigorosa das medidas protetivas e responsabilização dos agressores –, mas também o suporte psicossocial contínuo, o acesso facilitado à justiça, programas de autonomia econômica e a expansão de redes de apoio formais como Centros de Referência e casas-abrigo e informais familiares, amigos, comunidade que sejam capacitadas para oferecer acolhimento livre de julgamentos.

3883

A desconstrução de padrões culturais que legitimam a violência de gênero e a promoção de uma educação para a igualdade são igualmente cruciais como estratégias preventivas a longo prazo. Embora a atuação do Estado, especialmente após a Lei Maria da Penha, e das redes de apoio seja vital, persistem desafios significativos na efetividade, capilaridade e acessibilidade dos serviços, sobretudo para mulheres em maior vulnerabilidade. Conclui-se que somente um compromisso coletivo e contínuo, que enfrente as causas estruturais da violência e ofereça caminhos concretos de segurança, acolhimento e empoderamento, poderá transformar a realidade de inúmeras mulheres, permitindo que a esperança por uma vida livre de violência prevaleça sobre o medo que hoje as aprisiona.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA. Rafael Rocha de Oliveira. **Violência Patrimonial e a Permanência da Mulher no Relacionamento Abusivo. Você e Teus Filhos Vão Morrer de Fome!** São Paulo. Editora Juruá, 2022. 132p.

BRASIL. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm.pdf. Acesso em 04/04/2025.

BRASIL. PESQUISA NACIONAL DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER - DATASENADO 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso em 06/04/2025.

FBSP. 18º ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f62c4196-561d-452d-a2a8-9d33d1163afo>. Acesso em 06/04/2025.

HEISE, Lori, *Violência Contra as Mulheres: Uma Estrutura Ecológica Integrada. Violência Contra as Mulheres*, São Paulo, Editora: Atlas 1998.

MOURA, Tatiane de Andrade. *A Permanência das Mulheres em Relacionamentos Abusivos: Um Olhar Psicossocial*. São Paulo, Editora: Blucher, 2014.

STARK, Controle Coercitivo: *Como os Homens Enganam as Mulheres na Vida Pessoal*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

WALKER, Lenore. *Síndrome da Mulher Espancada*. Nova York: Harper & Row, 1979.